

Algumas reflexões sobre a geografia

VÂNIA FONSECA*

Com o avanço da Ciência tem se multiplicado o número de disciplinas e se tornado cada vez mais difícil o estabelecimento das fronteiras de cada uma delas. Em se tratando da Geografia, o problema se coloca com maior intensidade, pela falta de um consenso quanto ao objeto e campo da ciência geográfica.

Procurando resolver esse impasse, os geógrafos têm produzido uma constelação de trabalhos que discutem essa disciplina em termos de objeto, método, tema de pesquisa, natureza, etc., chegando mesmo alguns autores a colocar em dúvida a existência de uma única disciplina, mas acreditando na existência de duas ou mais disciplinas geográficas. O único ponto de concordância parece ser a dimensão espacial da Geografia, embora a noção de espaço seja entendida de formas as mais diferentes, e, portanto, implique em diferentes conteúdos para a disciplina.

Neste artigo, longe de se pretender chegar a uma definição “acabada” da Geografia, são colocadas algumas reflexões que, julga-se devam ser posteriormente retomadas, visando contribuir na busca de uma saída para o impasse atual dessa disciplina.

GEOGRAFIA: UMA CONFUSÃO

Uma das características da ciência, e talvez a mais importante, é a acumulação de conhecimentos. O corpo de conhecimento, num dado momento, é sustentado pelo conhecimento produzido num momento anterior, que é acrescido, reformulado, desenvolvido. A não utilização ou a negação da utilidade de produções anteriores provoca um fracionamento da ciência com consequentes problemas para o seu avanço. Esse é um dos males de que parece padecer a Geografia, disciplina bastante antiga, mas que vem sofrendo grande fragmentação teórica e constantes mudanças de rumo, devido à controvérsia sobre a matéria por ela tratada e sobre o que se caracterizaria por enfoque geográfico.

* Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe e Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia (UNESP — Campus de Rio Claro).

As definições de Geografia são as mais variadas: estudo da superfície da Terra (com todas as posições do que se entende por superfície terrestre e os problemas de relevância de fenômenos), estudo da paisagem (e aí se coloca a questão da essência e da aparência, e as perspectivas descritiva e estudo de relações), estudo dos lugares (individualização), estudo de áreas (diferenciação de áreas), estudo do espaço (e todas as questões filosóficas que se colocam quanto ao espaço), estudo das relações homem-meio (e as distintas visões do objeto), estudo das relações espaciais, estudo das estruturas espaciais, estudo das estruturas e processos espaciais, estudo da organização do espaço, estudo do espaço do homem, estudo da valorização do espaço, e tantas outras, que nos levam a pensar em várias "Geografias".

Os enfoques também são variados e bastante divorciados uns dos outros, servindo de rótulos à Geografia: descritiva, determinista, funcionalista, ecológica, regional, positivista, estruturalista, radical, marxista, tradicional, humanista, comportamental, social, sistemática, quantitativa, teórica, etc., que colocam diferentes objetos e/ou diferentes métodos — muitas vezes antagônicos — para essa única disciplina.

Aumentando ainda mais a confusão, outras divisões se colocam, estas internamente à Geografia, que são as várias geografias, muitas vezes apresentadas de forma estanque, com preocupações bastante específicas e ligadas mais ou menos diretamente à preocupações de outras disciplinas ou de outros ramos do conhecimento. A primeira e mais problemática divisão que se coloca é Geografia Física "versus" Geografia Humana, e mais a posição de não haver essa dicotomia. Outras divisões correntes são: Geografia da Agricultura, Geografia Urbana, Biogeografia, Geomorfologia, Geografia Regional, Geoclimatologia, Geografia dos Sistemas Ambientais, Geografia dos Transportes, Geografia Industrial, Geografia da População, e tantas outras.

Destá forma, a Geografia parece ser um verdadeiro caos de objetos, métodos, proposições, correntes e preocupações. Então se coloca a questão: deveria a Geografia ser dividida em várias disciplinas, sendo algumas delas agregadas a disciplinas já existentes? Ou se deveria procurar manter a unidade da Geografia? Esta última opção parece ser a mais aceita, pois embora alguns autores proponham a divisão da Geografia em duas ou mais disciplinas, a maioria dos geógrafos parece estar buscando uma forma de manter a unidade da ciência geográfica, quer pela definição do objeto, quer pela questão do método, quer procurando evidenciar uma coerência, uma ligação, entre as diferentes abordagens e as diferentes épocas de produção do conhecimento geográfico. Esses esforços parecem estar levando a um encaminhamento de soluções que permitam a construção de uma ciência bem estruturada, à médio prazo, mas os problemas de percepção e de comunicação entre os geógrafos ainda se constituem num grande entrave. Há falta de um jargão geográfico que possibilite um entendimento homogêneo dos termos chave, diminuindo o problema de conotações variadas, emprestadas de diversas disciplinas; e os preconceitos de várias ordens,

ainda bastante enraizados, têm levado à radicalizações e modismos que dificultam o diálogo e freiam o desenvolvimento do corpo teórico e metodológico da Geografia. Os geógrafos têm que buscar um entendimento para por fim à situação que tão bem foi caracterizada por Johnston (1980), ao dizer existirem tantas geografias quantos são os geógrafos.

O OBJETO DA GEOGRAFIA: OUTRA FONTE DE DESENTENDIMENTO

Em todas as definições de Geografia está presente a conotação espacial. Não estará então a unidade da Geografia assentada no "espaço", quer enquanto absoluto, quer enquanto relativo, quer enquanto relacional?

Por muito tempo o espaço foi encarado em termos absolutos, espaço euclidiano com três dimensões, e o foco de interesse da Geografia se assentava na localização, na explicação de ocorrências de fenômenos dentro desse espaço. Com o desenvolvimento da matemática e a formulação da teoria da relatividade, foi concebido um espaço de n dimensões, e a Geografia passou à descrição relativa, expressando localização em termos de velocidade, tempo, custo, percepção, acessibilidade, distância, etc. Com essas novas dimensões, o espaço, e por decorrência as localizações, se tornou dinâmico. Livia de Oliveira (1976) ao tratar da nova concepção do espaço em Geografia destaca que as localizações relativas de dois lugares podem mudar radicalmente no espaço-tempo, permanecendo constantes as suas localizações absolutas.

Uma terceira concepção de espaço é o relacional, isto é, um espaço de conteúdos, Santos (1984, p. 5) coloca que: "O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas." e, mais adiante, após ter afirmado que "O espaço deve ser considerado como um conjunto indissolúvel de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento", conclui: "O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel de realização social."

Essas diferentes concepções do espaço poderiam coexistir sem grandes problemas dentro da Geografia? Se pensarmos que essas diferentes noções se relacionam a diferentes épocas, e as mudanças parecem ter sido decorrentes de uma "evolução" da forma de se pensar a Geografia, isso parece possível, mesmo porque a ciência, ao buscar o conhecimento da realidade, tem que ser dinâmica e estar em permanente renovação, não só para acompanhar as mudanças da realidade, mas também para reestruturar o seu corpo teórico quando ele for percebido como inadequado, ultrapassado ou deficiente. E a evolução teórica e mesmo filosófica que baseia a explicação não implica necessariamente em radical mudança de uma disciplina, pois se assim fosse, com o avanço da ciência teríamos uma permanente substituição de disciplinas.

Muito se tem discutido a respeito do objeto da Geografia, e as divergências se apoiam nas diferentes concepções do espaço ou nas diferentes denominações de uma mesma concepção. Essa discussão, que parece não ter fim, tem consumido muito esforço que poderia ser melhor empregado na busca de resultados mais úteis, mais fundamentais para o desenvolvimento da ciência geográfica. Ainda segundo Santos (1984, p. 5), na sua discussão do espaço em Geografia, o fundamental não é a denominação que se dá a ele, mas "O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitam o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam os mesmos." E aí, na busca do conhecimento sistemático, se torna relevante a questão do método.

MÉTODO E METODOLOGIA: DISTINÇÃO NECESSÁRIA?

Existe um método ou uma metodologia própria da Geografia, ou mais adequada aos estudos geográficos?

A questão do método tem gerado muitas discussões entre os geógrafos, sendo propostos e utilizados uma gama muito variada de métodos de pesquisa e métodos de interpretação, e estabelecida muita confusão entre método e metodologia.

O método seria uma determinada maneira de encaminhar a busca do conhecimento e envolveria a colocação de posicionamentos pré-estabelecidos na forma de encarar a realidade; tem, portanto, uma base lógica e filosófica. Já a metodologia seria algo mais amplo, pois além do método, envolveria também as técnicas que operacionalizassem a busca do conhecimento. As técnicas estariam livres de posturas filosóficas, se referindo apenas à um conjunto de procedimentos visando a consecução de um determinado fim.

Moraes e Costa (1984, p. 27-28), ao discutirem os significados dos termos método e metodologia, fazem uma distinção entre método de interpretação e método de pesquisa, alertando que essa não distinção é fonte de graves equívocos, e definem: "O primeiro (método de interpretação) diz respeito à concepção de vida do pesquisador, sua visão da realidade, da ciência, do movimento, etc... O método de interpretação refere-se, assim, a posturas filosóficas, ao posicionamento quanto às questões da lógica e, por que não dizer, à ideologia e à posição política do cientista... é a concepção de mundo normatizada e orientada para a condução da pesquisa científica; é a aplicação de um sistema filosófico ao trabalho da ciência." Os autores, ao definirem o método de pesquisa, confundem métodos e técnicas: "Já o método de pesquisa refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo... Estudos orientados por diferentes métodos de interpretação podem fazer uso da mesma metodologia de pesquisa." Assim, mesmo alertando sobre o perigo da confusão de significados, os autores se decidiram por uma definição onde essa distinção não fica

evidente. Procurando elucidar essa diferença, apontamos uma citação de Bronowski, feita por Burton (1977, p. 66) "... a estatística é o método em cujo sentido tende a ciência moderna... Substituí o conceito inevitável por aquele da tendência provável.", onde a estatística aparece como um método de pesquisa, o que é diferente da estatística enquanto técnica, isto é, meio auxiliar de análise, como por exemplo, o teste do qui-quadrado, a análise de variância, etc., usados como meios auxiliares que viabilizam a análise de problemas complexos.

Durante algum tempo se postulou que o único método aceito pela ciência seria o científico. Críticas foram feitas à essa colocação, acusando o método científico de ter conotação funcionalista e estar ligado ao positivismo, não servindo, portanto, para as ciências que se ocupassem do homem e da vida social. Mas a não aceitação do "método científico" não implica na adoção de métodos não científicos. Na realidade temos que nos referir a "métodos científicos", independentemente da conotação funcionalista. Segundo Wilson (1972) há muitas concepções errôneas perigosas de método científico, sendo que a sua essência é o que importa, isto é, a construção de teoria e a testagem contínua dela pela comparação com a observação, pois uma teoria não é eternamente verdadeira. O autor também discute os métodos indutivos e dedutivos de construção de teorias, afirmando que essas duas abordagens se complementam, embora em Geografia a ênfase maior tenha sido dada ao método indutivo. Dacey (1979) coloca que discussões e controvérsias sobre a base da pesquisa geográfica frequentemente envolve dicotomias e dualidades: ideográfico-nomotético, determinístico-estocástico, indutivo-dedutivo, explicação-descrição, e que essa discussão não é útil para a estruturação da pesquisa geográfica. Para ele essas dicotomias podem ser vistas como um modo de compreender elementos distintos das formulações teóricas em Geografia e que os esforços devem ser canalizados na busca de um modo mais refinado que leve em conta a grande extensão de componentes metodológicos.

Dentre a variedade de métodos que têm sido propostos para a Geografia, vem se destacando o método do materialismo histórico e dialético, tido por alguns como método revolucionário, e nesse contexto, a dimensão espacial seria a expressão fenomenológica da estrutura social e econômica (Moreira, 1982). Essa abordagem tem se mostrado muito atraente, quer com reação a um cabedal de métodos pouco afeitos a preocupações de ordem social, quer por ir de encontro aos anseios da comunidade científica sufocada pelo desenvolvimento do capitalismo mundial. Poderíamos aplicar aqui a colocação que Ceron e Gerardi (1979, p. 64) fazem à respeito de conceitos, princípios gerais, teorias e modelos que "... contêm em doses muito fortes, os pontos de vista da comunidade dos pesquisadores acerca do comportamento humano, assumidos pela comunidade de pesquisadores, via-de-regra, o reflexo do contexto social, econômico e político, da época e lugar em que a comunidade se encontra engajada."

O método proposto por Marx tem sido enaltecido e criticado e, inega-

velmente, tem um grande valor. Mas ele tem que ser visto como um método, um ponto de partida que norteia a busca do conhecimento, e não como o único método útil à Geografia, por ser capaz de unir áreas do conhecimento como a Geografia, desenvolvimento econômico e meio ambiente, como coloca Harvey (1980). Essa posição é criticada por Duncan e Ley (1982), que declaram não ser o fato de simpatizar com a posição de Marx, ao condenar as relações entre mercado e sociedade, uma implicação para o uso da teoria marxista, pois isso seria ignorar uma gama de posições alternativas.

As técnicas são também muito discutidas, especialmente as técnicas quantitativas e o uso geral da quantificação em Geografia. É necessário se estar atento para a distinção entre técnica e método para evitar o surgimento de confusões, como a crítica ao “método quantitativo”, quando, na verdade, o alvo da crítica se constitui apenas numa técnica e, portanto, desempenha o papel de auxiliar e viabilizar a análise, e não o papel de dirigir o estudo.

O desenvolvimento da ciência tem exigido um rigor cada vez maior na análise científica, na elaboração de um corpo teórico cada vez mais sólido, e na construção de modelos que sirvam de ponte entre a teoria e a realidade. Esses apelos, ainda somados ao volume de informações que vêm se acumulando desde o início do pensamento científico, só puderam ser atendidos através do desenvolvimento da Matemática e do aprimoramento da quantificação. Isso é especialmente verdade em Geografia, devido ao grande número de eventos e à heterogeneidade de aspectos que se relacionam à dimensão espacial. Mas o uso da quantificação não implica em perda de qualidade; segundo Racine (1971, p. 338), “L’analyse d’un grand nombre de caractères exige du géographe qu’il consente à se prêter à un certain nombre de manipulations mathématiques lui permettant de passer des statistiques quantitatives aux unités géographiques qualitatives avec le maximum de sécurité, d’efficacité et d’universalité”. Continuando, o autor coloca que longe de se reduzir aos números, a Matemática se identifica com a mais avançada das lógicas e dá suporte lógico sobre o qual se pode testar a validade de uma teoria; e que isso não implica em modelos de essência neo-determinista, o que comprovam trabalhos que “...ont récemment montré que c’est ce type d’attaque scientifique des problèmes qui correspond le mieux à la nature de cette complexité organisée toujours en mouvement qu’est une structure spatiale.” (p. 339). Dentro das técnicas quantitativas, a estatística ocupa um lugar de destaque pois permite a manipulação de grandes séries de cifras, a estimação de valores com grande margem de segurança, elimina as perturbações aleatórias e permite a análise de muitas variáveis intervenientes ao mesmo tempo. É também bastante útil para a realização de classificações que permitam a redução de um grande número de informações em certo número de tipos fundamentais. As técnicas estatísticas são cada vez mais empregadas em análises de qualquer natureza, sendo também muito úteis mesmo ao nível de grupos humanos, pois segundo

Marchand (1972), as decisões individuais são afetadas por muitos fatores e, se há um número suficiente de indivíduos, o comportamento do grupo segue muito diretamente as leis da probabilidade.

As críticas ao uso da quantificação em Geografia se devem basicamente ao excesso de quantificação, usada muitas vezes não como técnica, mas como um fim em si mesma, gerando estudos que não passavam de “...meros exercícios de estatística sem qualquer suporte ou preocupação teórica.” (Ceron e Gerardi, 1979, p. 62). Outra reação à quantificação em Geografia partiu, segundo Taylor (1976), da comunidade geográfica “tradicional” que temia a desintegração de toda produção anterior dessa disciplina; mas alega que esse perigo não existiu, pois a própria comunidade dos geógrafos não estava interessada em destruir todo o arcabouço geográfico, mas em reorganizar o conhecimento existente. Ainda um outro alerta quanto ao uso da quantificação em Geografia, é a falta de adequados conhecimentos matemáticos que permitam sejam feitas críticas internas aos instrumentos quantitativos e, portanto, o perigo de usá-los inadequadamente face aos problemas a serem resolvidos.

Apesar dos “perigos” do uso da quantificação, é inegável a sua contribuição para o desenvolvimento da Geografia, permitindo a reformulação teórica e o rápido aumento do conhecimento geográfico em volume e qualidade, além de facilitar a interação da Geografia com outros ramos do conhecimento.

Outra técnica muito útil, e mesmo indispensável à Geografia, é a cartográfica, especialmente quando for usado o procedimento dedutivo na análise espacial. A esse respeito temos em Christofolletti (1983, p. 20): “É de interesse geográfico a ‘distribuição espacial’ dos fenômenos e variáveis na superfície terrestre. O geógrafo pode e deve elaborar mapeamentos dos aspectos e características dos mais diversos elementos, tais como densidade demográfica, densidade de drenagem, recursos hídricos, precipitação, temperatura, potencial agrícola, intensidade de erosão, e muitas outras variáveis. De posse de tais mapas, o geógrafo poderá usar das mais diversas técnicas a fim de confrontá-los e correlacioná-los, e chegar a interpretar e esclarecer aspectos da estrutura e funcionamento das organizações espaciais, e para precisar o domínio de cada uma delas.” Thofern (1979, p. 17-18) diz que o “discurso” e a escrita são, por natureza, cronológicos, e através deles é impossível comparar dois ou mais eventos lado a lado, no tempo e no espaço, sendo que esse problema só pode ser resolvido pela cartografia, pois “A carta, representando uma forma generalizada, reduzida e explicada, parte ou toda realidade de um espaço geográfico, no plano em escala consentânea com o grau de simplificação tematizada, é um *modelo de escala*, cujo uso remonta às civilizações mesopotâmica e nilótica.” E não apenas os fatos naturais podem ser cartografados: “Los temas mismos que pueden ser representados en su referencia espacial son objetos de otras ciencias, por ejemplo, de la geografía, de la geología, de la ecología, de la oceanografía, y de la meteorología, pero también de la etnología, de la

sociología, de la historia y aun de la medicina.” (Rouleau, 1974, p. 296). Ainda a respeito do uso da Cartografia e do entendimento geográfico, Guelke (1977, p. 137) coloca que o mapa tem um valor inestimável por capacitar o usuário a detectar interrelações entre fenômenos e compreender o significado ou significância de elementos particulares em relação ao todo, isto é, em seu contexto geográfico.

A grande diversidade de métodos e de técnicas utilizados na construção da Geografia não permitem que se pense em uma metodologia própria da Geografia, pois cada método e cada técnica tem o seu valor ao contribuir para a composição do conhecimento geográfico. Tentar impor limites seria prejudicial ao desenvolvimento dessa disciplina. Ao contrário, a comunidade de geógrafos deve se “abrir” para novos métodos e novas técnicas além de se utilizar das já conhecidas, e procurar uma maior integração com as outras disciplinas, mas sem perder de vista a dimensão espacial que fundamenta e distingue a Geografia. E, nesse sentido, embora não se esteja querendo propor um método ou uma metodologia para a Geografia, pode-se pensar num delineamento metodológico geral para orientar os estudos geográficos. Assim, deve-se partir da expressão espacial, isto é, da forma espacial (e isso não implica numa limitação à abordagem indutiva), passar para o estudo dos processos que geram essa forma (o que pode ser feito através de diferentes métodos e técnicas ou através de uma pluralidade metodológica) e, após a análise, deve-se retornar à dimensão espacial, à explicação da forma. Para viabilizar os estudos geográficos sob essa orientação geral, é imprescindível o uso da quantificação e da cartografia, pois elas tornam possível a análise das múltiplas facetas da dimensão espacial, com o rigor necessário e indispensável à elaboração de um arcabouço teórico sólido, demandado por qualquer disciplina científica.

À TÍTULO DE CONCLUSÃO

Sendo a Geografia uma disciplina científica, todos os esforços devem ser canalizados na busca do conhecimento da realidade, independentemente de posturas, correntes, modismos, temas de interesse. É verdade que discussões filosóficas e metodológicas precisam existir; o que se levanta aqui é o desperdício de tempo e esforços em discussões e acusações estéreis embasadas em preconceitos e posturas egocêntricas, em detrimento do avanço teórico da Geografia :tem havido muita crítica e pouca produção real. Em vez de permanecermos em intermináveis discussões sobre o que é Geografia, deveríamos fazer Geografia; em vez de se perder tempo em apologia a esta ou aquela metodologia, deveríamos desenvolver estudos dirigidos pela metodologia que estamos preconizando; em vez de criticarmos e descartarmos a produção geográfica anterior, deveríamos reconhecer o seu mérito e, se for o caso, partir para a sua reformulação; em vez de gastarmos nosso potencial combatendo os “separatistas” da Geografia, deveríamos produzir trabalhos

que comprovassem a validade da nossa posição; em vez de nos radicalizarmos, deveríamos buscar a comunicação e o entendimento.

Devido à diversidade de fenômenos que podem ser envolvidos na perspectiva espacial e as grandes mudanças que estão ocorrendo na Geografia, a especialização se tornou uma necessidade e uma realidade. Com o avanço do conhecimento e a necessidade crescente de especialização, temas que até agora são tratados pela Geografia, fatalmente passarão a preocupações de outras disciplinas; o desmembramento da Geografia, disciplina extremamente abrangente, parece assim ser inevitável. Mas, este não parece ser o momento oportuno a essa discussão, e devemos nos ater à construção de um corpo teórico sólido para o estudo da dimensão e da organização espacial como são entendidas hoje. Os geógrafos devem se preocupar com a explicação da realidade, e para isso buscar a essência, desenvolver e testar constantemente as teorias desenvolvidas, utilizar as vantagens da interdisciplinaridade e não se preocupar em estabelecer limites em termos de temas, métodos, técnicas e campo de atuação, desde que esteja presente a preocupação com a dimensão espacial. É necessário se reconhecer a atuação da percepção, mas em vez de permitir que a diferença de percepções se constitua numa barreira, ela deve ser usada como uma vantagem, tornando o conflito de idéias em estímulo que impulse o desenvolvimento científico; e nesse sentido, é necessário se ter em mente que, embora o cientista tenha uma ideologia, uma filosofia de vida que interferem em sua postura científica, a Geografia, enquanto ciência, deve ser, o máximo possível, resguardada de conflitos de valor se eles se constituírem em entraves para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Burton, Ian — “A Revolução Quantitativa e a Geografia Teorética” in *Boletim de Geografia Teorética* 7(13): 63-84, 1977.
- Ceron, Antonio Olivio e Gerardi, Lucia Helena de Oliveira — Geografia Agrária e Metodologia de Pesquisa” in *Boletim de Geografia Teorética*, 9(17 e 18, 1979.
- Christofoletti, Antonio — “Definição e Objeto da Geografia” in *Geografia* 8(15 e 16): 1-28, 1983.
- Dacey, Michael F. — “A Framework for Examination of Theoretic Viewpoints in Geography”. Stephen Gale and Gunnar Olsson — *Philosophy in Geography*, D. Reidel Publishing Co., Dordrecht, Holland, 1979, pp. 39-52.
- Ducan, James and Ley, David — “Structural Marxism and Human Geography: a Critical Assessment” in *Annals of the Association of American Geographers*, 72(1): 30-59, 1982.
- Guelke, Leonard — “Cartographic Communication and Geographic Understanding”. Leonard Guelke — *The Nature of Cartographic Communication, Suplemente n.º 1 to Canadian Cartographer*, vol. 14, 1977. Univ. of Toronto Press, Canada, pp. 129-145.
- Harvey, David — *A Justiça Social e a Cidade*, São Paulo, HUCITEC, 1980.
- Johnston, R.J. — “Review Symposium: Geography is What Geographers Do and Did”, in *Progress in Human Geography*, 4(2): 277-283, 1980
- Marchand, Bernard — “L’usage des Statistiques en Géographie” in *L’espace Géographique*, 2: 79-100, 1972.
- Moraes, Antônio Carlos Roberto e Costa, Wanderley Messias da — *Geografia Crítica:*

- A Valorização do Espaço. São Paulo, HUCITEC, 1984.
- Moreira, Rui — “Repensando a Geografia”. Milton Santos (org.) — *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, São Paulo, HUCITEC, 1982, pp.
- Oliveira, Livia de — “A Situação da Geografia Entre as Ciências in *Geografia 1* (1): 53-61, 1976
- Cacine, Jean-Bernard — “Modèles Graphiques et Mathematiques en Geographie Humaine” in *Revue de Geographie de Montreal*, 25(4): 323-358, 1971.
- Santos, Milton — “A Geografia no Fim do Século XX: A Redescoberta e a Remodelagem do Planeta e os Novos Papéis de Uma Disciplina Ameaçada. in Shröder, Peter — “Problemas y Avances Actuales de la Cartografia”, in *Universitas Geonordeste*, 1(2): 1-13, 1984.
- Revista Alemana de Letras, Ciencias y Arte*, 18(4): 295-302, 1981.
- Taylor, Peter J. — “An Interpretation of the Quantification Debate in British Geography”, in *Transaction: Institute of British Geographers*, N.S., 1(2): 129-141, 1976.
- Thofehrn, Hans Augusto — “Um Rápido e Sucinto Perfil da Cartografia Contemporânea” in *Boletim Gaúcho de Geografia*, Série Geo, 7: 17-24, 1979.
- Wilson, Alan G. — “Theoretical Geography: Some Speculations”, in *Transactions: Institute of British Geographers*, N.S., 5(7): 31-44, 1972.